

Fez as perguntas.

Obteve as respostas.

Por fim, o velho inclinou-se sobre ele.

— Em nossa ordem, como sabes, conhecemo-nos pelo nome que escolhemos. É o sinal da nossa liberdade, o programa do trabalho solitário, o fechamento do novo anel da corrente. Qual será o teu nome?

O profano não hesitou, erguendo a cabeça.

— Johannes.

— Johannes — repetiu o velho.

E deu início ao complexo, particular ritual da cerimônia de iniciação.

Ao terminar, depôs sua espada sobre a cabeça do neófito. E nesse momento, enquanto alguma coisa fora crescendo cada vez mais, algo de novo e de inapreensível, em Johannes, explode dentro dele. Sentiu-se aturdido, confuso. Ao máximo da serenidade, da felicidade.

— O que estás sentindo, irmão Johannes — disse o mestre —, outros o sentiram antes de ti, eu próprio, os mestres passados, os outros irmãos que percorrem o mundo. Chama-a luz, mas não tem nome.

O mestre auxiliou o discípulo a levantar-se, beijou-o sete vezes, trocando com ele a saudação fraterna. Em seguida, ensinou-lhe as palavras secretas, os sinais de reconhecimento, os toques, os rituais dos trabalhos de grupo. Verbalmente, segundo a tradição oral.

Ensinou-lhe, em seguida, o trabalho diário, a ser cumprido em segredo, em três precisos momentos da jornada, correspondentes aos três pontos da operação do sol. Uma frase em grego a repetir, sinais a executar.

— Nos mesmos três momentos — explicou-lhe —, em cada parte do mundo, os nossos irmãos executam os mesmos gestos, repetem esta mesma frase. É

grande a sua força, vem de longe, vai distante. E age, dia a dia, sobre a humanidade.

Por derradeiro, o mestre apanha o último estojo lacrado, abre-o e entrega o conteúdo a Johannes. Era um manuscrito com a fórmula do juramento. Juramento de não revelar os segredos da ordem, de seguir a tradição, de agir em favor do bem, de mostrar-se sempre forte, de socorrer os irmãos e os necessitados, de respeitar especialmente a lei de Deus e os seus ministros.

Johannes assinou, também sem hesitar. Sentia interiormente uma grande força. E ao lado da assinatura, pôs o número e a sigla que o mestre lhe indicou. Esta lhe caracterizava a filiação, o grau.

O mestre recolheu o manuscrito, dobrou-o sete vezes e pediu ao discípulo que o espetasse na ponta da espada flamejante. Isto feito, o mestre estendeu a espada na direção do candelabro em que ardiam as chamas dos mestres passados: o fogo lambeu o papel. E o juramento, em alguns segundos, transformou-se em cinza, que o mestre, com a espada, dispersou.

— Johannes, tu juraste, mas sabe que a liberdade dos irmãos é superior a todo juramento. És hoje verdadeiramente livre.

Beijou-o outra vez.

Johannes chora.